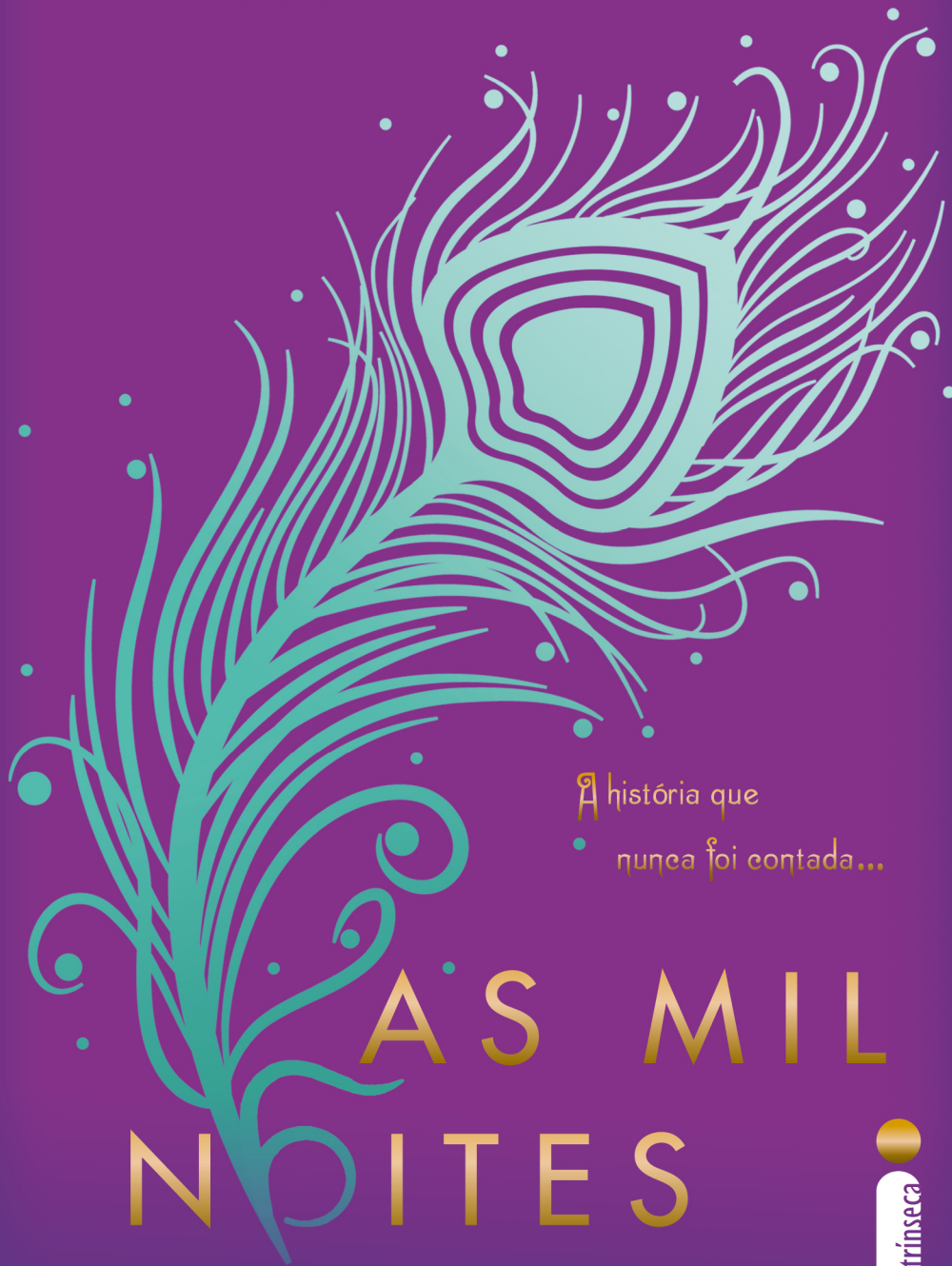


E. K. JOHNSTON



A história que  
nunca foi contada...

# AS MIL NOITES





AS  
MIL  
NOITES



E. K. JOHNSTON

AS  
MIL  
NOITES

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2015 by E. K. Johnston. Publicado  
mediante acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria,  
SL e Adams Literary. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

A Thousand Nights

REVISÃO

Milena Vargas

Beatriz D'Oliveira

PROJETO GRÁFICO

Marci Senders

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Helen Crawford-White

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J65m

Johnston, E. K.

As mil noites / E. K. Johnston ; tradução Viviane Diniz.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

320 p. ; 21 cm.

Tradução de: A Thousand Nights

ISBN 978-85-8057-981-9

1. Ficção canadense. I. Diniz, Viviane. II. Título.

16-33651

CDD: 819.13

CDU: 821.111(71)-3

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para a dra. Daviau, que me levou para o deserto, o  
passado e o futuro, e me ensinou a procurar o invisível;  
Para Jo, Amy e Melissa, que me encorajaram  
enquanto eu aprendia a escrever como John Druitt;  
E para Tessa, que nunca deixa de me incentivar*







**N**ão sabemos por que atravessamos o mar até esta terra dura e poeirenta, mas sabemos que merecemos mais do que isso.

*As criaturas que aqui vivem se arrastam sob um sol escaldante, procurando tirar seu sustento da areia antes de serem devorados por ela, virando alimento para os corvos do deserto ou pior. O sol não é um estorvo para nós, e a areia é apenas um desconforto momentâneo. Somos mais fortes, mais resistentes e mais adaptados à vida. Porém, passamos por algumas dificuldades quando chegamos aqui.*

*Os humanos eram muitos, e nós, poucos. Não os compreendíamos, nem eles a nós, e erámos temidos por isso. Eles nos atacaram com armas rudimentares, pedras pesadas e fogo ardente, e descobrimos que nosso sangue manchava a areia com a mesma facilidade que o deles, até aprendermos a moldar corpos que não sangram. Nós nos afastamos dos oásis e adentramos as partes mais ermas daquela terra torrada pelo sol, onde eles não podiam nos seguir. De lá, nós observamos. E esperamos.*

*Os humanos morreram, e nós não. À medida que nossa vida avançava, aprendíamos mais sobre eles. Nós os vimos domarem os auroques, e depois os cavalos. Nós os vimos aprenderem a tosquiá-las as ovelhas e cardar a lã. Quando fiavam, sentíamos a força do girar de cada fuso, e, quando teciam, sentíamos uma agitação em nossos ossos.*

*Cobiçávamos o que eles produziam, pois, embora nos sobrasse tempo, tínhamos pouca inclinação para trabalhos manuais. Sempre era mais fácil tomar. E assim tomamos. Sequestramos tecelões e os levamos para nossos lares no deserto. Nós os alimentávamos com areia, e eles acreditavam ser um banquete, mas, antes de morrerem, faziam maravilhas para nós. Tiramos caldeireiros de suas camas e os forçamos a trabalhar com fogo tão quente que empolava a pele. Eles fabricavam todo tipo de bugigangas e lâminas antes de pagarem com suas vidas, e nos enfeitávamos com os produtos de seu ofício.*

*Quanto mais eles trabalhavam, mais animados ficávamos; e, em pouco tempo, os mais jovens se aventuraram a atacar outros artesãos. Eles voltavam mais poderosos e com colares feitos dos ossos dos dedos daqueles cujas mãos usaram para conseguir tudo aquilo.*

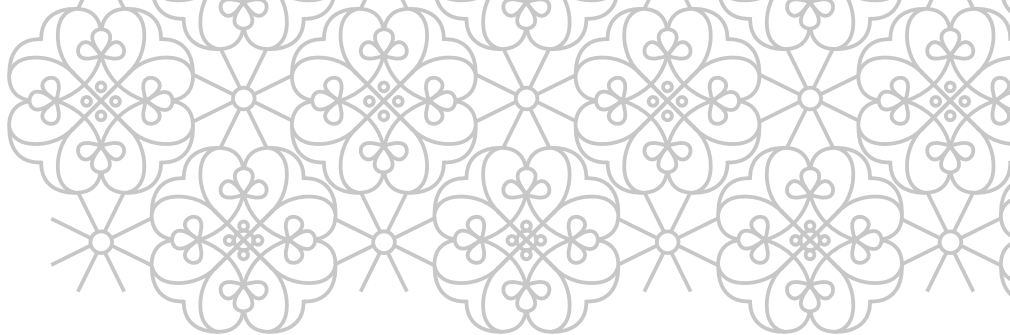
*Mas essas coisas nunca foram o suficiente para mim.*

*Eu ansiava por mais.*

*Certo dia, no deserto, um caçador que havia se afastado de sua guarda cruzou meu caminho.*

*E eu tomei.*

*Eu tomei.*



um

Lo-Melkhiin matou trezentas garotas antes de chegar à minha aldeia em busca de uma esposa.

Aquela que ele escolhesse seria uma heroína. Ela permitiria que todas as outras vivessem. Lo-Melkhiin não voltaria à mesma aldeia até se casar com uma garota de cada acampamento, aldeia ou distrito dentro dos muros da cidade, porque essa era a lei, por mais desesperadora que fosse. Aquela que ele escolhesse daria esperança de um futuro, de amor, para as que ficassem para trás.

Com certeza, ela se tornaria uma deusa menor para seu povo após a partida. Seria tirada de nós, mas permaneceríamos ligados à parte de seu espírito, e nutriríamos esse elo com o poder de nossas lembranças. Seu nome seria sussurrado com reverência nos santuários construídos em sua honra. As outras garotas cantariam hinos de louvor, vozes suaves carregadas pelo vento do deserto e espalhadas sobre a fina areia do chão. Seus

pais levariam flores de água doce — mesmo no auge do período de seca — e conserva de raiz como oferenda. Aquela que ele escolhesse jamais seria esquecida.

Mas ainda assim estaria morta.

Todas as vezes, a história começava da mesma maneira: Lo-Melkhiin escolhia uma noiva e a levava para o seu *qasr*. Algumas duravam uma noite sob seus cuidados, outras, até trinta, mas no fim todas acabavam como refeição para os corvos do deserto. Ele ia a todos os cantos do reino, a cada aldeia e cidade. Todas as tribos e famílias estavam em risco. Ele as consumia da forma como uma criança cuidadosa comia tâmaras: uma de cada vez, sempre à procura da mais doce. E, uma a uma, ele as descartava.

Quando ele veio à minha aldeia, não temi por mim. Há muito já estava resignada a viver sob a sombra de minha irmã, nascida no mesmo ano que eu, mais velha por dez luas. Ela era a bela. Eu era a segunda opção. Antes da lei de Lo-Melkhiin, antes que o terror de seu leito nupcial estendesse os braços pelas areias como as raízes de uma árvore seca à procura de água, eu acreditava que me casaria depois de minha irmã, provavelmente com um irmão ou primo de seu noivo. Ela era o prêmio, mas também não gostava da ideia de se separar de mim, e todos em nossa aldeia já sabiam que, quem quisesse uma, teria que levar a outra. Eu não chegaria a ser uma esposa inferior na casa dela — nosso pai era muito poderoso para isso —, mas me casaria com um homem inferior.

— Você também é graciosa — disse ela para mim enquanto víamos o deserto arder ao pôr do sol do nosso décimo quarto verão, e eu sabia que era verdade.

Tanto minha mãe quanto a dela eram bonitas, e nosso pai igualmente belo. Até onde eu via, minha irmã e eu éramos muito parecidas. Tínhamos a pele morena, um tom de marrom mais escuro que a areia, e bronzeada nas partes que ficavam expostas ao vento e ao céu. Nosso cabelo, longo o suficiente para nos sentarmos em cima, era preto: a cor em torno das estrelas quando a noite chegava ao ápice. Eu achava que a diferença devia estar em nossos rostos, no formato dos olhos ou na inclinação das bocas. Sabia que o rosto de minha irmã era de tirar o fôlego. Mas nunca vira o meu. Tínhamos pouco bronze ou cobre, e a única água ficava no fundo do nosso poço.

— Não sou você — retruquei.

Eu não era amarga. Ela nunca me fez sentir inferior, e só tinha desprezo por aqueles que pensavam assim.

— É verdade — respondeu ela. — E os homens não têm imaginação para nos verem como seres separados. E por isso eu sinto muito.

— Eu, não — respondi, e não sentia mesmo. — Porque amo você mais do que amo a chuva.

— Isso é impressionante — disse minha irmã, rindo. — Pois você vê meu rosto todos os dias e não se cansa dele.

E corremos, com passos firmes, em meio às dunas.

Éramos fortes juntas, carregando o jarro de água entre nós para dividir o peso. A cerâmica grossa o tornava pesado mesmo sem água, mas havia quatro alças, e tínhamos quatro mãos. Aprendemos o truque quando éramos pequenas, e éramos sempre recompensadas com figos cristalizados por derramar pouca água enquanto

caminhávamos. Mesmo quando já tínhamos idade suficiente para levar um jarro cada, fazíamos essa e outras tarefas juntas. Na maioria das coisas — de tecer a cozinhar e lancear as cobras venenosas que vinham até nosso poço —, nós éramos iguais. Minha voz era melhor para as canções e histórias que nossa tradição ofertava, mas minha irmã sabia encontrar as próprias palavras, e não se valia dos feitos dos outros para provar seu ponto de vista. Talvez fosse esse fogo que a tornava tão bonita; talvez fosse isso que tornava o rosto de minha irmã diferente do meu. Talvez fosse o motivo de eu não me cansar dele.

Eu temia que Lo-Melkhiin achasse que o rosto de minha irmã pudesse ser algo de que, enfim, não se cansaria. A princípio, ele só se casara com garotas bonitas, filhas dos nobres mais importantes e dos mais ricos comerciantes. Mas, quando suas esposas começaram a morrer, os homens poderosos do deserto não gostaram. Eles passaram a procurar noivas para Lo-Melkhiin em outros lugares, vasculhando as aldeias em busca de mulheres que serviriam ao propósito, e durante um tempo ninguém prestou atenção ao grande número de meninas pobres que seguiram para a morte. Mas logo as pequenas aldeias se deram conta do que estava acontecendo e deixaram de negociar com as cidades. A partir de então, a lei fora criada: uma garota de cada aldeia e distrito dentro dos muros da cidade, e então o ciclo recomeçaria. Muitas garotas haviam sido perdidas, e eu não queria perder minha irmã para ele. As histórias eram claras com relação a duas coisas: Lo-Melkhiin sempre levava uma garota, e ela sempre, sempre morria.

Quando a areia se levantou sobre o deserto, sabíamos que ele estava vindo. Lo-Melkhiin já devia saber quantos éramos e quem tinha filhas com idade suficiente para serem apresentadas a ele. O censo era parte da lei; uma maneira de os homens se convencerem de que era justo.

— Mas não é justo — sussurrou minha irmã quando estávamos deitadas sob o céu estrelado em nosso décimo sétimo verão. — Eles não se casam e morrem.

— Não — respondi. — Não mesmo.

Então ficamos à sombra da tenda de nosso pai e esperamos. À nossa volta, o ar tinha sido tomado por gritos e gemidos: mães abraçavam as filhas, pais andavam de um lado para outro, proibidos de intervir devido à lei. Nosso pai não estava ali. Tinha viajado com a caravana. Não sabíamos que Lo-Melkhiin viria. Ao voltar, veria que sua mais bela flor se fora, e só lhe restara a erva daninha para ele usar como bem entendesse.

Meu cabelo estava solto sob o véu, que esvoaçava ao redor do meu rosto. Minha irmã tinha feito uma trança e estava de pé com a postura ereta, o véu puxado para trás e o cabelo preto brilhando ao sol. Ela olhava para a tempestade que se aproximava, mas uma tempestade também se formava em seus olhos, o que só servia para deixá-la ainda mais bela. Eu não podia perdê-la, e, com certeza, quando Lo-Melkhiin a visse, ela estaria perdida.

Pensei em todas as histórias que tinha ouvido, aquelas sussurradas na tenda de minha mãe e as contadas pela voz retumbante de nosso pai quando os anciões da aldeia iam à tenda dele para as reuniões do conselho. Eu conhecia todas: de onde tínhamos vindo, quem eram nossos antepassados, que heróis havia em minha linha-

gem, que deuses menores minha família havia criado e adorado. Tentei pensar se havia alguma coisa nessas histórias que eu pudesse usar, mas não havia. O mundo nunca vira alguém como Lo-Melkhiin, e não havia histórias para combatê-lo.

Não histórias inteiras, mas talvez houvesse algo menor. Um trecho sobre um guerreiro que sitiou uma cidade murada. Um fragmento sobre um pai que fora forçado a escolher qual das duas filhas enviaria ao deserto à noite. Uma intriga na história sobre dois amantes que se casaram contra a vontade dos pais. Uma trama sobre uma senhora cujos filhos foram obrigados a lutar em uma guerra da qual não faziam parte. Havia histórias e mais histórias.

Não havia uma história única na qual eu pudesse me basear para salvar minha irmã de um casamento curto e cruel, mas eu tinha muitas delas. Eu as segurava nas mãos como grãos de areia, e as histórias escorriam por entre meus dedos enquanto tentava reunir ainda mais. Mas eu conhecia a areia. Tinha nascido naquela terra e aprendido a andar sobre ela. A areia açoitava meu rosto e me forçava a catá-la da minha comida. Sabia que só tinha que contê-la por tempo suficiente, encontrar o fogo certo, e ela endureceria e se transformaria em vidro; se tornaria algo que eu poderia usar.

Minha irmã observava a nuvem de poeira, à espera de Lo-Melkhiin, mas eu pensava na areia. Eu me fortaleci vendo a coragem de minha irmã em face daquela tempestade, e ela pegou minha mão e sorriu, embora não soubesse o que eu planejava fazer. Ela já aceitara que seria aquela que nos salvaria, aquela que se torna-



ria uma deusa menor e para quem cantariam depois que fosse embora. Aquela que morreria. Mas eu não iria permitir isso.

Quando os anciões da aldeia viram o brilho das armaduras de bronze em meio à nuvem de areia e ouviram o galopar acelerado dos cavalos sob o sol, quando o vento balançou a trança de minha irmã e soltou alguns fios, como se também temesse perdê-la, eu já tinha um plano.

Aquela que Iso-Melkhiin escolhesse seria uma heroína.

Aquela que ele escolhesse daria às que ficassem  
para trás a esperança de um futuro.

Aquela que ele escolhesse jamais seria esquecida.

ISBN 978-85-8057-981-9



9 788580 579819

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)